



Memórias e narrações na perspectiva benjaminiana

Andrea de Lima Ribeiro Sales¹.

Joliene do Nascimento Leal².

Rosângela Padilha Thomaz dos Santos³.

Andreza Lopes de Oliveira⁴

Resumen:

Tratar das principais idéias de Benjamin sobre os problemas educacionais não é tarefa simples. Pensar a educação à luz de seus ensaios e fragmentos exige indagar sobre o tempo em que vivemos e sobre o papel da escola; exige reverte a posição da escola que, com freqüência, quer transmitir o passado para reparar um suposto futuro, mas deixa o presente intocado, sem mudança, muitas vezes sem sentido. Para este autor é fundamental construir pontes entre o futuro, o passado e a vida presente. Lembramos que a história, enquanto futuro, não está dada e que o único pré-determinado é que somos responsáveis por construí-la e pela luta ética para assumi-la. A sociedade moderna foi criticada por Benjamin justamente pela pressa com que as coisas iam acontecendo, e na sociedade contemporânea marcada pelas constantes transformações e pela velocidade de informações que se avolumam e não há tempo de um amadurecimento, levam a extinção das experiências, que deixam de ser transmitidas por seu veículo privilegiado, as narrativas. Neste texto, à luz dos pensamentos de Benjamin sobre narração e memória, estaremos dialogando com alguns autores a cerca da pedagogia da narração e do diálogo e a formação através da troca de experiência.

¹ Mestranda PPGEduc/UFRRJ-Brasil e Colaboradora do Pró-índio/UERJ-Brasil.
e-mail: professalles@gmail.com.

² Mestranda PPGEduc/UFRRJ-Brasil. e-mail: najuli84@hotmail.com.

³ Mestranda do PPGEduc/UFRRJ- Brasil e Docente Especialista da Prefeitura Municipal de Duque de Caxias. e-mail: rosinaps@uol.com.br .

⁴ Especialista em Estudos Literários pela UFJF e Docente do IFET/ Sudoeste de MG-Brasil e-mail: andreza_letras@hotmail.com.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Memórias e narrações na perspectiva benjaminiana

Introdução

O Gato e o Rato

“O gato Dudo, barrigudo e bigodudo, parecia um deputado. Estava num parque, se espreguiçando ao sol, coçando a pança., quando passou diante dele um ratinho. Aí, o gato, que via tudo com o rabo do olho, deu um pulo para agarrá-lo. Mas o ratinho, magro e ágil, foi mais rápido...O ratinho não falava gatês, mas temia de medo, porque sabia que estava em perigo...Do buraco onde estava não via nada. Até que depois de muito tempo ouviu latidos e ficou aliviado pois indicava que o gato já não estava pelas redondezas. Afinal de contas, gato tem medo de cachorro! No que saiu do buraco...o gato Dudo lhe partiu em pedacinhos e depois que terminou seu banquete comentou em voz alta: - É impressionante! Hoje, quem não for bilíngüe, morre de fome. Ainda bem que eu falo também o cachorrês”.(FREIRE, In: Maino'i rapé, 2009:72)

Essa história que principia nossas reflexões sobre memórias e narrações foi inicialmente contada pelos professores Guarani durante um curso de formação de professores indígenas no Rio Grande do Sul. Na versão contada por eles, e depois encenada utilizando teatro de bonecos, o final é o seguinte: no momento em que o gato passa a falar o “cachorrês”, o ratinho estranha pois no falso latido há sotaques felinos e daí faz o rato pensar... “-É o gato que está tentando falar cachorrês para me enganar!”

Assim, o rato não sai da toca e diz em voz alta. “É impressionante! Hoje, quem não for bilíngüe, é devorado pelo inimigo!”. Quando o autor da segunda versão dessa história questionou porque a mudança na parte final, um dos professores Guarani respondeu: “- Ah, o ratinho é o mais fraco, e numa história Guarani a gente não pode deixar o mais fraco sofrer.” (MAINO'I RAPÉ, 2009:73).

A pedagogia da narração e do diálogo



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Nestes parágrafos apresentamos pelo menos duas versões para a história *O Gato e o Rato*. No entanto, há a possibilidade de ter surgido uma terceira versão inserida por nossos pensamentos e ratificada por Benjamin (1994: 205):

“ A narrativa...uma forma artesanal de comunicação...mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.”

O que alimenta a narrativa, segundo Benjamin, é a oralidade. E essa pedagogia da oralidade encontramos entre os povos indígenas e difundida nas casas de rezas, na trançagem dos cestos, nas suas escolas e nas conversas com os não índios. Ela faz parte de uma tradição passada de gerações em gerações e é um dos motivos da resistência dos Guarani que mesmo após 500 anos de contato mantêm sua língua materna, seus processos próprios de aprendizagem e tradições.

As narrações que ouvimos desses povos e até mesmo embalados nos colos de nossas mães e avós se fixam em nossas memórias sendo recontadas de diferentes formas pois não são apenas histórias, mas sim conselhos para serem utilizados em alguns momentos de nossas vidas.

A versão final contada pelos Guarani nos faz acreditar que eles estão fazendo o que Benjamin escreveu nas “Teses da História” e nelas faz um convite para escovarmos a história a contrapelo e nela deixar o “*eco das vozes do passado*” ressurgirem e apresentarem a versão dos que foram vencidos.

Precisamos refletir a respeito de algumas pistas: seria o gato Dudo a figura do colonizador ou como Bauman (2007) denomina de caçadores? No momento em que o gato fala o cachorrês seria a estratégia utilizada pelos missionários quando introduziram a língua geral e o português em meio dos povos Tupi e a partir daí contribuíram para dizimação lingüística das várias etnias? Os que se foram nesse processo seriam o ratinho devorado pelo gato da segunda história? E por fim, o ratinho esperto e vencedor, apresentado pelos Guarani poderiam ser eles mesmos nesses séculos de tentativas de apagamento das suas existências?

Benjamin (1994: 212-213) afirma que é para isto que serve uma narrativa, “para descobrir a moral da história...para perguntar o que aconteceu depois...” E não para dar uma informação. No entanto, ele anuncia desde 1940 o “*fim da arte de narrar*”.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Justificando que o “*homem de hoje não cultiva o que não pode ser abreviado. Com efeito, o homem conseguiu abreviar até a narrativa.*” Stuart Hall (2003) diz que as pessoas encontram-se imersas em “...*um tipo atualizado de ópio do povo*”.

Este ópio e o que não pode ser abreviado são as figuras da descartabilidade dos objetos adquiridos e principalmente das relações descartáveis entre os seres humanos. Ou ainda “*as relações líquidas*” apontadas por Bauman (2007). Um exemplo claro dessas relações descartáveis e por consequência o provável fim da narrativa está no diálogo ou falta dele.

Vale aqui lembrar o que ensina Paulo Freire⁵ (2001) sobre o diálogo para a transformação: a relação dialógica implica *num falar com*, e não *num falar por* ou *num falar para*, pois não se trata da conquista de uma pessoa por outra; senão que é uma conquista do mundo pelos sujeitos dialógicos que perderam não só uma virtude moral, mas, sobretudo, a sensibilidade de perceber em si a própria temporalidade.

É esta temporalidade que marca decisivamente o pensamento de Benjamin sobre a narração, pois uma vez assimilada a narrativa no ouvinte, ou seja, uma vez assimilada a temporalidade que lhe é inerente, atinge-se aquilo que é o fundamental no fenômeno da narração: passar adiante, conservar. E se conserva aquilo que se deseja lembrar: Somente uma memória abrangente permite que ecoem as vozes emudecidas de forma violenta, arbitrária, absurda.

Tendo a palavra como veículo do diálogo, Paulo Freire (2001) destaca a indissociabilidade entre reflexão e ação, para que a palavra não se torne vazia (verbalismo, ou ativismo). A palavra verdadeira, para ele, é a palavra comprometida com a transformação e dita na interação entre as pessoas, de maneira igualitária.

Reafirma a relação dialógica como prática fundamental da natureza humana e da democracia:

“A relação dialógica – comunicação e intercomunicação entre sujeitos, refratários à burocratização de sua mente, abertos à possibilidade de conhecer e de conhecer mais – é indispensável ao conhecimento. A natureza social deste processo faz da dialogicidade uma relação natural com ele. Neste sentido, o antidialógico autoritário ofende à natureza do ser humano, seu processo de conhecer e contradiz a democracia” (PAULO FREIRE, 1995, p. 109).

⁵

Foi um [educador brasileiro](#), destacou-se por seu trabalho na área da [educação popular](#), voltada tanto para a escolarização como para a formação da [consciência](#). É considerado um dos pensadores mais notáveis na [história](#) da [pedagogia](#) mundial.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Assim pensando, destaca a comunicação e a informação como elementos que ultrapassam o suporte (enquanto contexto de inserção dos homens e das mulheres), já que por meio delas a humanidade transforma este suporte em mundo e a existência em vida.

Nesta perspectiva, Paulo Freire (*ibid.*) afirma que a curiosidade, como capacidade de surpreender-se e necessidade de compreender para explicar, põe os seres humanos em permanente disponibilidade para aprender. Distingue, no entanto, a curiosidade “desarmada”, que nos leva ao conhecimento teórico, que envolveria uma curiosidade epistemológica. Indica a necessidade de estabelecimento de um clima dialógico como favorecedor da curiosidade e da reflexão epistemológicas:

“A experiência dialógica é fundamental para a construção da curiosidade epistemológica. São elementos constitutivos desta: a postura crítica que o diálogo implica; sua preocupação por apreender a razão de ser do objeto que medeia os sujeitos do diálogo” (p. 110).

Lembramos que a história, enquanto futuro, não está dada e que o único pré-determinado é que somos responsáveis por construí-la e pela luta ética para assumi-la.

Para que a aprendizagem dialógica se estabeleça, há de se utilizar as habilidades comunicativas nos entornos familiares, escolares, de tempo livre, da comunidade participando culturalmente. Mas, isso só é possível se o cronista que narra os acontecimentos, o fizer sem distinguir entre os grandes e os pequenos, levando em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado.

Ao compartilhar diferentes pontos de vista e maneiras de analisar e resolver as situações, por meio do diálogo guiado pela validade dos argumentos, necessariamente estabelece-se um processo de mudança, com orientações comunicáveis: uma transformação interna, em cada participante, e a transformação externa, buscada em benefício de todos.

Assim, a aprendizagem dialógica, permite a criação de sentido pelas pessoas e pelo grupo, no diálogo igualitário, em que cada pessoa pode examinar as possibilidades, refletir criticamente sobre elas e fazer suas escolhas.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Nesse cenário, é preciso reconhecer as diferentes histórias na sociedade e na escola, ou seja, reconhecer que o mesmo ato, a mesma ação pode adquirir significados diferentes, a partir de diferentes referenciais culturais e sociais. Os conflitos de entendimento de significação ocorrem a partir de diferentes referenciais.

No campo da educação indígena, por exemplo, os professores indígenas são os mediadores das relações sociais que se estabelecem dentro e fora da aldeia e também da escola. A população docente indígena tem uma função social distinta de docentes não-índios, pois assumem muitas vezes, o papel de intérpretes entre culturas e sociedades distintas.

Sobre esta afirmação Imbernón afirma que:

“A formação de professores terá como base uma reflexão dos sujeitos sobre sua prática docente, de modo a permitir que examinem suas teorias implícitas, seus esquemas de funcionamento, suas atitudes etc., realizando um processo constante de auto-avaliação que oriente seu trabalho. A orientação para esse processo de reflexão exige uma proposta crítica da intervenção educativa, uma análise da prática do ponto de vista dos pressupostos ideológicos e comportamentais subjacentes” (2001, p. 48-49).

Como pessoas principais na educação intercultural, os professores indígenas muitas vezes experimentam uma fidelidade conflituosa entre os conhecimentos, valores, modos de vida, orientações filosóficas, políticas e religiosas próprias à cultura de seu povo e os provenientes da sociedade majoritária, de quem, em determinadas situações, acabam sendo porta-voz em sua comunidade e em sua escola (BRASIL, 2002), ou seja, muitas das vezes recai sobre eles a tarefa de construir a história a contrapelo, como menciona Benjamin.

A tarefa mais importante do intelectual é impedir o esquecimento que se consolidará caso a barbárie continue a ganhar, porque a ameaça que pesa sobre a humanidade é a da perda da memória dos oprimidos, que faz com que os vencidos de hoje não mais se lembrem da história de ontem.

Para Benjamin (1994) a arte de contar uma história é um acontecimento infinito, *“pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para*



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

tudo o que veio antes e depois" (p. 37). Narrar alguma coisa consiste na "faculdade de intercambiar experiências", configurando-se naquilo que Eco (1993) chama de obra aberta, posição referida por Benjamin (1994), na sua obra "O Narrador".

A narrativa contempla a experiência contada pelo narrador e ouvida pelo outro, o ouvinte. Este, por sua vez, ao contar aquilo que ouviu, transforma-se ele mesmo em narrador, por já ter amalgamado à sua experiência a história ouvida. O povo indígena tem na narrativa a forma e a manutenção viva da história do seu povo, não esquecendo o passado de lutas e conflitos.

“Minha segurança se alicerça no saber confirmado pela própria experiência de que, se minha inconclusão, de que sou consciente, atesta, de um lado, minha ignorância, me abre, de outro, o caminho para conhecer”. (PAULO FREIRE, 1996, p. 135)

Segundo Gadotti, atualmente ser professor não é nem mais difícil nem é mais fácil do que era algumas décadas atrás. É diferente.

Ele acrescenta dizendo que, diante de um mundo em constante mudança, o papel do professor vem se modificando, senão na essencial tarefa de educar, na tarefa de ensinar, de conduzir a aprendizagem e, também, em sua própria formação, que se tornou permanentemente necessária.

A formação através da troca de experiências

Na concepção de ensino tradicional, que ainda impera em nossas escolas, e tem por princípio a transmissão de conteúdos através de aulas expositivas, numa seqüência predeterminada e fixa, valorizando a repetição de exercícios com a exigência de memorização (ARANHA, 1996), o professor fala, o aluno ouve e memoriza. Não propicia ao sujeito que ouve um papel ativo na construção da aprendizagem; o conteúdo a ser aprendido vem de fora para dentro, como na educação bancária citada por Freire. Nesse tipo de educação o sentido da narrativa, defendida por Benjamin tende a se esvaziar, uma vez que, o professor não se comunica, apenas faz comunicados, depósitos de informações. Por isso diz Paulo Freire:



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

“A narração, de que o educador é sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão” (FREIRE, 2001, p.66).

O professor hoje precisa ser um mediador da aprendizagem, em interação com o aluno que deve ser sujeito de sua própria formação, necessitando de construir e reconstruir conhecimentos. Portanto, o professor também precisa ter curiosidade, buscar sentido para o que faz e buscar novos sentidos para o que fazer de seus alunos, assim deixará de ser um lecionador para ser um organizador do conhecimento e da aprendizagem (GADOTTI, 2003).

Para tanto é fundamental que haja investimento na formação continuada dos professores, a fim de que estes possam realmente auxiliar seus alunos na (re) construção do conhecimento, sendo estes construtores de sentidos e sobretudo organizadores da aprendizagem significativa. Então, defendemos a formação de professores partindo das possibilidades da relação dialógica, tendo a escola como lugar de formação através das oportunidades de troca de experiências no cotidiano escolar.

Deve-se realçar a importância da troca de experiências entre pares, através de relatos de experiências, oficinas, grupos de trabalho: “Quando os professores aprendem juntos, cada um pode aprender com o outro. Isso os leva a compartilhar evidências, informação e a buscar soluções. A partir daqui os problemas importantes das escolas começam a ser enfrentados com a colaboração entre todos (GADOTTI, 2003, p.31).

Entretanto, só é possível aprender com o outro quando tomamos consciência do nosso inacabamento, da nossa incompletude; aí entendemos que precisamos aprender “com”, na relação com o outro mediados pela realidade que nos cerca.

Porém, muitas vezes, mesmo tomando consciência de nossa incompletude e sabendo que necessitamos do outro para nossa formação, deixamos de “intercambiar experiências”, pois a conturbação do cotidiano nos priva de experienciar, permitindo-nos apenas viver os fatos, que não deixam marcas para nos impulsionar às narrações, já que não temos o que contar. Desaparece então a narrativa, que é como ponte entre o passado e o presente, desaparecendo também o narrador, não deixando mais seus traços



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

de conhecimento no ouvinte, assim como o “oleiro deixa a marca de sua mão no vaso de argila”.

Para Benjamin há uma grande diferença entre vivência e experiência. A vivência seria reações à choque que não deixam marcas, enquanto que experiência é o que fazemos e vai para além do imediato, deixando marcas, é o que nos forma. E ele afirma que:

“São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede, num grupo, que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.”
(BENJAMIN, 1994, p.197-198).

Como falamos anteriormente, a experiência para ser entendida como tal, precisa deixar marcas, quando assim não acontece, não é possível narrar, muito menos narrar devidamente, ou seja, impregnar a narrativa de emoção para que a história deixe seus rastros.

A sociedade moderna foi criticada por Benjamin justamente pela pressa com que as coisas iam acontecendo, e na sociedade contemporânea marcada pelas constantes transformações e pela velocidade de informações que se avolumam e não há tempo de um amadurecimento, levam a extinção das experiências, que deixam de ser transmitidas por seu veículo privilegiado, as narrativas. E assim ele coloca que: *“Na realidade, esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas”*.
(BENJAMIN, 1994, p.201)

E continua, dizendo:

“A experiência transmitida pelo relato deve ser comum ao narrador e ao ouvinte. Pressupõe, portanto, uma comunidade de vida e de discurso que o rápido desenvolvimento do capitalismo, da técnica, sobretudo, destruiu. A distância entre os grupos humanos, particularmente entre as gerações, transformou-se hoje em abismo porque as condições de vida mudam em um



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

ritmo demasiadamente rápido para a capacidade humana de assimilação”. (BENJAMIN, 1994, p.10)

Vale lembrar que não perdemos a memória dos fatos quando não tínhamos toda essa tecnologia vigente, graças aos contadores de histórias, por isso seria importante retomarmos a tradição de ouvir e contar histórias, sobretudo porque o ato de narrar produz conhecimento.

Logo, a formação docente valorizada a partir da ótica do diálogo, poderá produzir importantes conhecimentos oriundos da relação de seus diversos atores/narradores. E não temos a ingenuidade de achar que essa relação se estabelecerá sem tensões e conflitos. Pelo contrário, estamos imersos na complexidade das relações entre os sujeitos com diversos pertencimentos e, portanto, constituídos de subjetividades, onde não há lugar para um olhar linear e simplificador.

A essencialidade da relação dialógica na constituição dos seres humanos não significa imaginá-la sempre harmoniosa, consensual e isenta de contradições. Fiorin reforça a constituição do sujeito partindo da relação dialógica, apoiando-se no conceito de dialogismo em Bakhtin:

“O sujeito vai constituindo-se discursivamente, apreendendo as vozes sociais que constituem a realidade em que está imerso, e, ao mesmo tempo, suas inter-relações dialógicas. Como a realidade é heterogênea, o sujeito não absorve apenas uma voz social, mas várias, que estão em relações diversas entre si. Portanto, o sujeito é constitutivamente dialógico. Seu mundo exterior é constituído de diferentes vozes em relações de concordância ou discordância. Além disso, como está sempre em relação com o outro, o mundo exterior não está nunca acabado, fechado, mas em constante vir a ser.” (FIORIN, 2008, p.55).

Para não concluir

Será preciso re-significar nossa realidade no que se refere à valorização das trocas de experiências e desenvolvimento da sensibilidade no ouvir o outro. Pimenta ratifica a relevância da troca de experiências e diz que é no processo coletivo dessas trocas que os professores vão constituindo seus saberes. E Nóvoa chama-nos atenção para a



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

necessidade da reflexão sobre a experiência, pois segundo ele é essa reflexão que é formadora.

E se realmente queremos re-significar, que nos apoiemos nas teorias benjaminianas para pensar a educação e formação docente “a contrapelo”, procurando na “descontinuidade” caminhos de mudanças na busca de algo “a se fazer”, como que escavando possibilidades, objetivando romper com a lógica capitalista que transforma os seres humanos em autômatos, apontando cada vez mais para o declínio da experiência humana coletiva.

Por isso, inclinando-nos para Benjamin, somos convidados a reescrever nossa história jamais acabada, para assim rememormos e reconstruirmos nossas experiências através dos fragmentos do passado, nos permitindo novas interpretações renovando assim nossos “agoras”.

Diante das múltiplas possibilidades de escolha de como viver, é difícil ter-se um único projeto para todos os coletivos ou pessoas, sendo igualmente difícil para a escola saber que valores afirmar. Assim, propor, por meio da aprendizagem dialógica, a criação de sentido pelas pessoas e pelo grupo, no diálogo igualitário, em que cada pessoa pode examinar as possibilidades, refletir criticamente sobre elas e fazer suas escolhas, torna-se fundamental.

Desta forma, a postura reflexiva não requer apenas do professor o saber fazer, mas que ele possa saber explicar de forma consciente a sua prática e as decisões tomadas sobre ele e perceber se essas decisões são as melhores para favorecer o processo educacional do estudante. A escola necessita encontrar a identidade narrativa, o que requer abrir espaço (na formação e nas diversas modalidades de gestão) para as experiências dos sujeitos que fazem a prática, para que ressignifiquem a história contada e atribuam ou encontrem outros sentidos.

Referências bibliográficas

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da Educação e da Pedagogia: Geral e Brasil*. 3ª Ed. São Paulo: Moderna, 2006.

BRASIL. Referenciais para a formação de professores indígenas - RFPI. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC; SEF, 2002.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*; tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*; tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Macie Gagnebrir: 7 ed.- São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. Sobre o conceito de História. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*; tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Macie Gagnebrir: 7 ed.- São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. WALTER BENJAMIN OU A HISTÓRIA ABERTA. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*; tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin: 7 ed.- São Paulo: Brasiliense, 1994.

ECO, U. Interpretação e superinterpretação. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

IMBERNÓN, F. Formação docente e profissional: forma-se para a mudança e para a incerteza. São Paulo: Cortez, 2001.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2008.

FREIRE, José R. Bessa. O Gato e o Rato. In: *Maino'i rapé- O caminho da sabedoria*/coord editorial; Lucila Silva Telles. Rio de Janeiro; IPHAN, CNFPC: UERJ, 2009.

FREIRE, P. *Pedagogia da Esperança*. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 3 a. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 30ª edição. São Paulo, Editora Paz e Terra, 2001.

_____. *Pedagogia da autonomia*. 37ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. *Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido*. Rio Grande do Sul: Feevale, 2003.

HALL, S. *Da Diáspora*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

NÓVOA, Antônio. *Os professores e sua formação*. Lisboa: Paz e Terra, 2005.

PIMENTA, Selma Garrido. *Saberes Pedagógicos e atividade docente*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. **Escrituras de la Memoria.**

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLITICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina